

SANTIDADE SEM IMPECABILIDADE: UMA LEITURA EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE 1 PEDRO 1:15

Ismael Sena Chagas¹
Isaac Malheiros²

Resumo: A controvérsia em torno da impecabilidade humana permanece uma questão recorrente na teologia cristã, especialmente nos debates sobre santificação e ética cristã. Reconhecendo a compreensão bíblica da pecaminosidade humana e da dependência da graça divina, este artigo examina o significado do imperativo “tornai-vos santos” em 1 Pedro 1:15, com atenção especial ao termo grego *hagios*. O estudo tem como objetivo avaliar se essa passagem sustenta uma doutrina de impecabilidade ou perfeccionismo moral, conforme proposto por algumas interpretações teológicas. Metodologicamente, o artigo adota uma abordagem bibliográfica e exegética, analisando o contexto literário imediato de 1 Pedro 1:15-16 e suas alusões ao chamado Código de Santidade, especialmente Levítico 19:2. A análise indica que *hagios* não está associado à ausência absoluta de pecado, mas à conduta ética moldada pelo caráter santo de Deus. A exortação de Pedro enfatiza a transformação do comportamento e de um modo de vida que contrasta com a existência anterior dos crentes, e não a afirmação de uma perfeição moral humana. Conclui-se que a santidade em 1 Pedro 1:15 deve ser compreendida como um chamado ético fundamentado na identidade e na ação divinas, e não como base para uma doutrina de impecabilidade moral.

Palavras-chave: santidade; ascetismo; perfeccionismo; impecabilidade.

HOLINESS WITHOUT IMPECCABILITY: AN EXEGETICAL-THEOLOGICAL READING OF 1 PETER 1:15

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE). E-mail: pr.ismaelsena@gmail.com

² Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: pr_isaac@yahoo.com



Abstract: The controversy surrounding human impeccability remains a recurring issue in Christian theology, particularly in discussions of sanctification and Christian ethics. Acknowledging the biblical understanding of human sinfulness and dependence on divine grace, this article examines the meaning of the imperative “be holy” in 1 Peter 1:15, with special attention to the Greek term *hagios*. The study aims to assess whether this passage supports a doctrine of impeccability or moral perfectionism, as proposed by some theological interpretations. Methodologically, the article employs a bibliographical and exegetical approach, analyzing the immediate literary context of 1 Peter 1:15-16 and its allusions to the Holiness Code, especially Leviticus 19:2. The analysis indicates that *hagios* is not associated with absolute sinlessness but with ethical conduct shaped by God’s holy character. Peter’s exhortation emphasizes transformed behavior and a way of life that contrasts with the believers’ former existence rather than an assertion of human moral perfection. The article concludes that holiness in 1 Peter 1:15 should be understood as an ethical calling grounded in divine identity and action, not as a foundation for a doctrine of moral impeccability.

Keywords: holiness; asceticism; perfectionism; impeccability.

SANTIDAD SIN IMPECABILIDAD: UNA LECTURA EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE 1 PEDRO 1:15

Resumen: La controversia en torno a la impecabilidad humana sigue siendo una cuestión recurrente en la teología cristiana, especialmente en los debates sobre la santificación y la ética cristiana. Reconociendo la comprensión bíblica de la pecaminosidad humana y de la dependencia de la gracia divina, este artículo examina el significado del imperativo “sed santos” en 1 Pedro 1:15, con especial atención al término griego *hagios*. El estudio tiene como objetivo evaluar si este pasaje sustenta una doctrina de impecabilidad o perfeccionismo moral, tal como proponen algunas interpretaciones teológicas. Metodológicamente, el artículo adopta un enfoque bibliográfico y exegético, analizando el contexto literario inmediato de 1 Pedro 1:15-16 y sus alusiones al llamado Código de Santidad, especialmente Levítico 19:2. El análisis indica que *hagios* no está asociado a la ausencia absoluta de pecado, sino a una conducta ética moldeada por el carácter santo de Dios. La exhortación de Pedro enfatiza la transformación del comportamiento y de un modo de vida que contrasta con la existencia anterior de los creyentes, en lugar de la afirmación de una perfección moral humana. Se concluye que la santidad en 1 Pedro 1:15 debe ser comprendida como un llamado ético fundamentado en la identidad y la acción divinas, y no como base para una doctrina de impecabilidad moral.

Palabras clave: santidad; ascetismo; perfeccionismo; impecabilidad.

Submetido em: 13/01/2026

Aprovado em: 17/03/2026

DOI: <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v21.n1.pe2074>



INTRODUÇÃO

O texto de 1 Pedro 1:15 traz: “Pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento”.³ Essa exortação ocorre no interior de uma sequência de orientações éticas desenvolvidas pelo autor, especialmente nos versículos imediatamente anteriores, nos quais os leitores são chamados à sobriedade, à vigilância e à obediência, em contraste com os desejos que marcavam sua vida anterior (1Pe 1:13-14).

Em leituras interpretativas recorrentes, 1 Pedro 1:15 tem sido compreendido como exigência de correspondência moral absoluta entre a santidade divina e a conduta humana. Tal interpretação tende a abstrair o enunciado de seu contexto literário e histórico e, não raramente, sustenta interpretações legalistas e perfeccionistas do texto.⁴ A progressão argumentativa da perícopes sugere, porém, que a santidade é apresentada como categoria comportamental, relacionada à conduta no mundo, e não como estado moral absoluto.

O problema interpretativo central consiste em determinar o sentido de *hagios* em 1 Pedro 1:15, designando impecabilidade humana ou categoria ética orientadora da conduta. Considerando sua frequente utilização em interpretações perfeccionistas, muitas vezes dissociadas de uma análise exegética rigorosa, a pergunta que orienta este estudo é: o imperativo “tornai-vos santos” em 1 Pedro 1:15 sustenta ou não uma doutrina de impecabilidade?

O conceito de perfeccionismo no evangelicalismo passou por um longo processo de desenvolvimento. No evangelicalismo de matriz wesleyana, a santidade é interpretada como *amor perfeito* ou plena orientação da vontade a Deus, e não como impecabilidade ontológica (Wesley, 2020, publicado originalmente em 1766). O Movimento de Santidade

³ Nesta pesquisa, foi adotada a versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) como referência para todas as citações bíblicas.

⁴ Por uma questão de espaço, este artigo não discutirá de maneira mais detida o conceito de perfeccionismo e todos os impactos do conceito de impecabilidade. Basta dizer que “perfeccionismo” será considerado aqui como a compreensão segundo a qual a vida moral ou espiritual deve alcançar um estado pleno, completo e sem falhas, no qual o sujeito busca conformidade total com um padrão ideal de conduta. Quando aplicado ao campo ético-religioso, o perfeccionismo inclui a impecabilidade, isto é, a noção de que o indivíduo pode chegar a uma condição na qual não apenas evita o pecado deliberado, mas deixa de cometer pecado de modo efetivo ou permanente. Nesse sentido, o perfeccionismo não se limita à maturidade moral ou ao crescimento contínuo, mas pressupõe a possibilidade de superação definitiva da falibilidade moral, seja por disciplina ascética, por esforço espiritual intenso ou por uma ação especial da graça. Por isso, distingue-se de perspectivas que entendem a santidade como processo dinâmico e relacional, marcado por dependência constante da graça, arrependimento e transformação progressiva, sem a pretensão de impecabilidade absoluta. Confira Santos (2008) e Malheiros (2017).



(*Holiness*), do século XIX, deu um passo além e desenvolveu essa leitura ao falar em inteira santificação como experiência subsequente da graça. Já Charles Finney (1968, publicado originalmente em 1846) acentuou ainda mais a responsabilidade moral humana, propondo a possibilidade de obediência plena à lei divina em termos que já ultrapassam o equilíbrio wesleyano original e se aproximam do perfeccionismo.

No adventismo do sétimo dia, em particular, a santidade foi progressivamente integrada a um quadro escatológico, descrevendo a preparação moral do povo de Deus no contexto do conflito cósmico e do juízo final (Darius, 2021), sem derivá-la exclusiva ou diretamente de 1 Pedro 1:15. Contudo, Milian Lauritz Andreasen (1943) associou a santificação final à vindicação do caráter divino. Nesse desenvolvimento, 1 Pedro 1:15 atua como exortação ética auxiliar que ratifica o imperativo da semelhança divina, não como fundamento exegético principal. Essa formulação de Andreasen deu origem a uma linha interpretativa frequentemente associada ao perfeccionismo e à impecabilidade (Milli; Follis, 2021).

No debate acadêmico, 1 Pedro 1:15 tem sido amplamente reconhecido por seu forte caráter intertextual, sobretudo em relação ao chamado Código de Santidade de Levítico 11-26. Diversos estudiosos apontam que Pedro recorre conscientemente a esse conjunto de tradições para moldar sua compreensão de santidade e transmiti-la à sua audiência (Rueda Neto, 2024, p. 72). Essa dependência do Antigo Testamento⁵ é particularmente evidente no primeiro capítulo da epístola, no qual, dos vinte e cinco versículos, onze contêm citações ou alusões veterotestamentárias, sendo quatro delas provenientes de Levítico (Brannan; Jackson, 2015, p. 231).

A recorrência dessas citações e alusões indica que a exortação à santidade está conscientemente ancorada no horizonte ético do Antigo Testamento, e não em uma formulação abstrata de perfeição moral. Ainda assim, o modo como essa intertextualidade deve ser interpretada permanece em debate. Enquanto alguns autores utilizam 1 Pedro 1:15-16 como apoio para leituras teológicas de cunho perfeccionista (Medeiros; Kieffer; Jesus, 2024, p. 16), outros autores a interpretam como atributo divino que fundamenta a ética, sem implicar impecabilidade humana (Murphy, 2021, p. 109-110).

⁵ Para uma pesquisa mais abrangente sobre a relação de 1 Pedro com o AT, principalmente a ênfase no código de santidade, ver as contribuições de Glenny (1987), McCartney (1989), Robertson (1990), Mbuvi (2007), Langford (2013), Egan (2016) e Rueda Neto (2024).



Diante desse cenário interpretativo, o presente artigo, de natureza bibliográfica e qualitativa (Creswell; Poth, 2018, p. 32), tem como objetivo propor uma leitura exegética de 1 Pedro 1:15, com especial atenção à força do imperativo *genēthēte* (“tornai-vos”) no contexto parenético da epístola, bem como no sentido ético do termo *hagios* no contexto imediato e mais amplo da carta. Ao fazê-lo, avalia-se se o texto sustenta uma leitura perfeccionista ou se apresenta a santidade como categoria ética derivada da esperança escatológica. O estudo adota também uma abordagem exegético-intertextual. Inicialmente é realizada análise sintático-semântica do texto grego de 1 Pedro 1:13-16, seguida da identificação da relação intertextual com Levítico 19:2 à luz dos critérios de uso do Antigo Testamento no Novo Testamento (eco, alusão e citação). Por fim, a função teológica dessa apropriação é avaliada no contexto parenético da epístola, especialmente no que se refere à formação ética da identidade cristã na diáspora.

CRÍTICA TEXTUAL

A redação de 1 Pedro 1:15 não apresenta dificuldades relevantes do ponto de vista da crítica textual. Contudo, na análise do parágrafo (v. 13-16),⁶ surge uma questão de estrutura fraseológica relacionada à posição do advérbio *teleiōs* (“inteiramente”, “completamente”), no v. 13, e à presença de uma vírgula antes ou depois desse termo. Se *teleiōs* for lido antes da vírgula, ele pode ser associado ao particípio *nēphontes* (“sendo sóbrios”, v. 13a). Essa leitura foi adotada por algumas versões,⁷ que traduzem a expressão como “estejam bem alertas” ou “estejam completamente alertas”. Embora a diferença pareça sutil, essa opção enfatiza a sobriedade como o elemento principal da oração condicional.

Entretanto, se a vírgula for mantida após *teleiōs*, o advérbio deixa de qualificar o particípio e passa a modificar o imperativo *elpísate* (“esperai”), reforçando não o “ser sóbrio”, mas a intensidade da esperança. Considerando que se trata de uma oração condicional que prepara a exortação principal, nessa construção, o imperativo permanece

⁶ Os limites da passagem foram estabelecidos a partir da UBS 3ª edição. O parágrafo tem início em 1 Pedro 1:13 com o marcador textual *Dio* (conjunção inferencial), usada para introduzir uma conclusão baseada na exposição anterior (Wallace, 2009, p. 762). O bloco encerra-se no versículo 16, sendo o limite final demarcado pelo início do novo parágrafo no versículo 17, que é introduzido pela conjunção *kai*. Este marcador sinaliza a transição para uma nova seção exortativa, embora mantenha a conexão coordenativa com o argumento precedente.

⁷ Versões que seguiram a variação da vírgula sendo utilizada depois do advérbio foram as seguintes: versão Revised English Bible (REB), New English Bible (NEB) e a edição crítica Westcott and Hort Greek New Testament (Omanon, 2010, p. 324).



como elemento sintático principal. Por essa razão, a maioria das traduções segue a leitura que conecta *teleiōs* ao imperativo *elpísate*, posicionando a vírgula após *néphontes* (Omanson, 2010, p. 324). A Almeida Revista e Atualizada (ARA) reflete bem essa opção: “sede sóbrios e esperai inteiramente”.

Em segundo lugar, observa-se no v. 14 uma variação envolvendo a expressão *en tê agnoíā* (“na ignorância”). Alguns manuscritos apresentam a forma *di’ agnoían*, enquanto outros (81, 1243, 2492) registram *en agnoíā*, e o P⁷² traz apenas *agnoíā*. Essas substituições ou omissões não alteram substancialmente o sentido do texto. Caso a expressão seja omitida, a leitura resultante seria: “[...] não vos conformeis às paixões anteriores”. Nessa construção, “paixões” funciona adequadamente como um *dativo ético*, cumprindo sua função sintática na oração (Wallace, 2009, p. 146).

Ainda assim, quando “paixões anteriores” recebem o complemento *en tê agnoíā*, como ocorre na maioria dos manuscritos, a leitura explicita a disposição existencial pressuposta pelo autor: trata-se de uma orientação existencial marcada pela ignorância espiritual, isto é, descreve uma condição anterior caracterizada por desconhecimento do evangelho e incapacidade de conformar-se à sua ética.

O mesmo não se pode afirmar quanto à possível omissão da expressão *dioti gégraptai* (“porque está escrito”) no v. 16, atestada em apenas dois manuscritos (33, 1243). Tal omissão produziria uma leitura problemática, na qual o autor da carta poderia ser interpretado como o referencial imediato de santidade: “[...] tornai-vos santos em todo o vosso procedimento. Sede santos, porque eu sou santo” (v. 15-16). Essa leitura, porém, contraria o testemunho consistente da epístola. A epístola não atribui ao autor função normativa de santidade.

Embora a carta demonstre forte interesse pelo tema da vida santa, esse chamado aparece sempre fundamentado na obra salvífica de Deus em Cristo. Como observa Papaioannou, a salvação “enche a vida com amor e esperança no presente, enquanto se aguarda o retorno de Jesus; a salvação em Cristo é o fundamento de uma vida santa” (Papaioannou, 2025, p. 555). A santidade é apresentada como consequência da ação salvífica divina em Cristo, e não como realização autônoma humana.

Definidos, portanto, os principais elementos variantes da passagem, impõe-se a questão central: o que significa uma santidade semelhante à de Deus? A própria estrutura literária do parágrafo oferece os elementos necessários para a formulação dessa resposta.



CONTEXTO LITERÁRIO

Antes de empregar o imperativo “tornai-vos santos”, o autor já orienta seus leitores quanto à maneira como devem conduzir sua vida cristã, utilizando uma série de exortações éticas que dizem respeito à mente, à sobriedade e ao modo de viver (1Pe 1:13-14). O v. 13 centraliza toda temática da santidade dos versos 13-15 na espera da graça: “Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1:13). Não é por menos que o verbo *elpisate* (“esperai”) recebe destaque gramatical no início do texto, sobretudo por sua associação direta com *charin* (“graça”). A santidade é apresentada como decorrente da iniciativa divina e relacionada à graça.

Os versículos 14 e 15 deixam claro que a espera na graça apresentada no versículo 13, precede o viver “como filhos da obediência” que resultará em uma vida de santidade. O apelo à santidade surge, portanto, em um contexto marcado pelo contraste entre a antiga maneira de viver, caracterizada por desejos ignorantes, e a nova identidade moldada pela obediência (1Pe 1:14). Desse modo, o tornar-se santo é descrito como consequência da relação com a graça. A espera na graça é o padrão em torno do qual gravita o comportamento que redundará em santidade. O texto subordina a prática ética à esperança na graça, evitando interpretá-la como realização autônoma.

O próprio fluxo do capítulo confirma essa lógica: “Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada.” Se a redação fosse “Foi a respeito desta salvação [...], os quais profetizaram acerca do *comportamento* a vós outros destinada”, isso faria eco ao versículo 15b: “tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso comportamento” (NAS).⁸ Contudo, a formulação do texto evita apresentar a santidade como produto exclusivo do esforço humano, sem qualquer relação com a graça. Para Jobes (2022, p. 127), a expressão “sua graça” não foi usada por Pedro no v. 10, provavelmente, para evitar a possibilidade de ser interpretada como o comportamento gracioso dos cristãos asiáticos. Não era a “graça” ou “comportamento” desses cristãos asiáticos, a base para a santidade, mas a graça de Cristo.

O texto dirige-se simultaneamente a judeus e gentios, desde a abertura da carta em 1:1: “aos eleitos que são forasteiros”. Em 2:10, a ênfase está no contexto de inclusão dos

⁸ A versão New American Standard Bible. A tradução é baseada nos mesmos princípios de tradução da ASV, com a Bíblia inteira concluída em 1971. Tanto a tradução da Bíblia NASB em inglês de 1977 quanto a Bíblia New American Standard de 1995, atualização de 1995, estão incluídas como textos bíblicos literais (BibleWorks, 2025).



gentios: “vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia”. Assim, a epístola reflete tensões comunitárias típicas de comunidades mistas, mas o autor evidencia preocupação parenética com ambos os grupos. Quanto ao gênero da epístola, alguns intérpretes até chegaram a considerar que o texto de Pedro era uma espécie de sermão batismal (Rueda Neto, 2024, p. 60). Outros acreditam ser uma homilia, entre outras. No entanto, o melhor argumento quanto ao gênero desse texto, continua sendo o que consta na conclusão de sua própria escrita: “Eu vos escrevo” (1Pe 5:12).

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Além do contexto literário, outro elemento a ser considerado é o contexto histórico. A ênfase judaica no comportamento quanto às práticas religiosas no primeiro século era tão forte que criou, por meio de tradições orais, inúmeras leis para superproteger a lei moral. Certas correntes religiosas do período enfatizavam a observância comportamental como marcador identitário, levando os adeptos a agirem como se a salvação fosse o resultado dos esforços de um comportamento piedoso e não da graça divina.

Além desse cuidado que Pedro teve ao escrever para os judeus da diáspora, também é visto o direcionamento do texto à comunidade de gentios recém-convertidos nas palavras: “não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância” (v. 14). O termo *epithymiais* pode referir-se tanto à imoralidade sexual quanto a outros tipos de desejos oriundos da natureza pecaminosa (Papaioannou, 2025, p. 555). Somado a isso, Pedro emprega a expressão *mē syschēmatizomenoi* (“não vos amoldeis”), tornando explícito que a conduta exigida, tanto de judeus quanto de gentios, deve ser coerente com a graça na qual se espera.

Os leitores de Pedro enfrentavam hostilidade: “por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações” (1Pe 1:6). Eles resistiam tanto à devassidão quanto à idolatria existente na cultura Greco-romana de então. Nesse cenário hostil, os crentes eram frequentemente mal entendidos e mal vistos por práticas não exercidas pela cultura de então (Papaioannou, 2025, p. 554).

O imperativo “sedes santos em todo vosso comportamento” em 1 Pedro 1:15, pode ser confundido com as práticas ascéticas existentes nos dias do cristianismo do primeiro século. Em realidade, não se pode negar as influências de tais práticas religiosas no mundo



greco-romano. Essas práticas variavam desde abster-se temporariamente de entrar nos templos, e até mesmo de desempenhar funções religiosas. Segundo Cross e Livingstone (2005, p. 115), dos mais variados grupos sociais que se envolveram, ainda que na sua pequena minoria, em práticas ascéticas destacam-se: a comunidade de *Qumran* e judaísmo rabínico.

Escritores do Novo Testamento, no entanto, mostraram que a conduta dos cristãos não tinha o objetivo de ser um fim em si mesmo, como no caso do ascetismo. Também não devia ser visto como um meio de alcançar a salvação. No caso da carta de 1 Pedro, a ênfase no comportamento do cristão tinha como objetivo procurar seguir o modelo de Cristo “em todo procedimento”, sem atribuir função soteriológica autônoma à prática ética, ou seja, um fim em si mesmo como era o propósito do ascetismo.

As práticas ascéticas do texto diferem das propostas pelos escritores greco-romanos. Embora o ascetismo não fosse uniforme, as escolas filosóficas em geral entendiam o autocontrole como a própria vida virtuosa ou santa (Nygaard, 2016, p. 37). À primeira vista, a exortação de Pedro (“cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios”) poderia sugerir algo semelhante. Contudo, no texto bíblico o autocontrole não é um fim em si mesmo: ele está orientado pela esperança “na revelação de Jesus Cristo” (v. 13). Nesse sentido, como observa Nygaard (2016, p. 39), a disciplina não constitui a santidade, mas prepara o crente para ver a Deus.

Dessa forma, não só o apóstolo Pedro, mas também Paulo pareceu rebater a ideia de cristãos que enfatizavam o papel da prática ascética como válidas para alcançar a salvação e libertação que afirmou: “como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade” (Cl 2:20-23). Tais práticas não são apresentadas como meio de transformação salvífica. Desde o início da história da igreja, é atribuída a Pedro a declaração de que não há “salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12). Talvez por essa razão, a espera na graça foi o primeiro imperativo apresentado na sua carta.

COMENTÁRIO EXEGÉTICO

Consideradas as bases contextuais, literárias e históricas de 1 Pedro 1:13-16, permanece em aberto a análise dos verbos que regem as duas orações principais, respectivamente, *genēthēte hagioi* (“tornai-vos santos”) e *elpisate* (“esperai”), no contexto



da carta petrina. Antes, porém, deve-se destacar que o v. 13 marca uma transição temática em relação aos doze primeiros versículos da carta, que enfatizam a obra redentora realizada por Deus em Cristo, para as admoestações que Pedro deseja que seus leitores pratiquem a fim de viverem de modo coerente com essa nova realidade em Cristo.

Essa mudança no discurso para uma série de exortações é sinalizada pelo uso de uma forte conjunção inferencial, *dio* (“portanto”). Tal conjunção indica claramente que o versículo 13 não introduz um tema inteiramente novo, “mas implica uma pausa que acentua que os argumentos dos versículos precedentes são agora sintetizados e aplicados à situação dos leitores” (Jobes, 2022, p. 121).

A primeira exortação é introduzida pelo uso petrino dos particípios *anazōsamēnoi osphyas* (“cingindo os lombos”) e *nēphontes* (“sede sóbrios”), os quais estabelecem a condição para o imperativo *elpisate* (“esperai”). Do ponto de vista gramatical, esses particípios funcionam como particípios adverbiais condicionais (Wallace, 2009, p. 762), isto é, indicam a condição sob a qual tanto a espera na graça quanto o tornar-se santo devem ocorrer.

A expressão “cingindo os lombos do vosso entendimento” provavelmente constitui uma expressão idiomática de origem semítica. Ela remete ao costume oriental de ajuntar as vestes longas sob um cinto ou faixa quando alguém se preparava para uma viagem ou para uma atividade que exigisse agilidade, permitindo maior liberdade de movimento (Rienecker; Rogers, 2001, p. 554), indicando preparação deliberada para ação.

No Evangelho de Lucas, a expressão *periezōsmēnai osphyas* (“cingindo os lombos”) aparece na parábola do servo vigilante, na qual Jesus ensina sobre a prontidão e a vigilância em relação ao seu retorno (Lc 12:35-36). Ao empregar um particípio perfeito, Jesus enfatiza que, após sua partida, os discípulos deveriam permanecer em constante vigilância e fidelidade aos seus ensinamentos (McGee; Neves, 2012, p. 133). Esse sentido é equivalente ao encontrado no texto petrino, especialmente porque, no mesmo versículo 13, *anazōsamēnoi* estabelece uma das condições para a espera na *apokalypsis Iēsou Christou* (“revelação de Jesus Cristo”). Nas cartas petrinas, essa revelação refere-se claramente à segunda vinda de Cristo (1Pe 1:7, 13; 4:13; 2Pe 3:12-13).

Além dessa relação entre o discurso de Pedro e os ensinamentos de Jesus, um sentido literal da expressão “cingindo os lombos” pode ser identificado na orientação do Senhor a Moisés e Arão, no contexto da instituição da Páscoa em Êxodo 12:11: “Desta maneira o comereis: com lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-lo-eis



às pressas; é a Páscoa do Senhor” (Jobes, 2022, p. 121). Para diversos estudiosos, Pedro retoma essa mesma imagem em sentido figurado, a fim de comunicar à sua audiência a atitude adequada de espera na graça. A imagem evoca a prontidão associada à expectativa da intervenção divina.

De igual modo, outra importante palavra vista no texto que está ligada à construção das disposições necessárias para que a espera na graça e o tornar-se santo sejam possíveis, é o particípio *nēphontes* (“sedes sóbrios”). Embora o verbo possa se referir à sobriedade como o oposto da embriaguez alcoólica enfatizada por Paulo em Efésios 5:18, pode-se concordar com Karen Jobes (2022, p. 122) ao afirmar que, “quando usado no contexto de pensamento, refere-se a uma gama mais ampla de controle e moderação que evita o excesso, precipitação ou confusão”.

Observa-se que, enquanto o termo “cingindo os lombos” especifica o modo em que se deve definir totalmente a espera, preparando a mente para a ação; o segundo, “sedes sóbrios”, indica o modo pelo qual alguém, ao cingir os lombos do entendimento, exerce o autocontrole. Neste caso, a disposição e o preparo mental, aliados ao autocontrole, funcionam como condições da exortação principal.

A estrutura de 1 Pedro 1:13-16 revela uma progressão lógica na qual ações humanas e iniciativas divinas se articulam em torno do tema da esperança e da santidade. Inicialmente, o autor convoca os destinatários a uma disposição mental adequada (“cingindo os lombos do entendimento”, 1:13a) e ao autocontrole (“sede sóbrios”, 1:13b), apresentados como manifestações da resposta humana à graça. Essas exortações culminam no imperativo de esperar plenamente na graça que está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo (1:13c), o qual é acompanhado pela renúncia às antigas paixões da desobediência (1:14). Em seguida, o texto desloca o foco para a iniciativa divina, destacando o chamado daquele que é santo (1:15a) como fundamento da exortação ética. Nesse contexto, o imperativo *genēthēte hagioi* (“tornai-vos santos”, 1:15b) assume um caráter ético e comportamental, fundamentado no chamado daquele que é santo e corroborado pela citação escritural de Levítico (1:16a—b).

Em paralelo, o imperativo *elpisate* (“esperai”, 1:13c) orienta a existência cristã para a graça escatológica revelada em Cristo, de modo que esperança e conduta ética se apresentam como dimensões correlatas e inseparáveis no argumento do parágrafo. A predominância de exortações relacionadas ao comportamento confirma que o chamado à



santidade em 1 Pedro opera no âmbito parenético, e não como afirmação de impecabilidade moral.

Essa articulação pressupõe a participação ativa do agente humano, expressa nos participípios que antecedem os imperativos: a disposição mental vigilante (“cingindo os lombos do entendimento”) e o autocontrole (“sede sóbrios”). Assim, o crescimento na graça e o tornar-se santo não são apresentados como estados abstratos, mas como práticas sustentadas por uma postura mental e ética coerente com a esperança cristã.

Na língua grega o verbo no modo imperativo apresenta-se de 8 maneiras diferentes⁹. No caso de *elpisate* (*esperai*), parece tratar-se de um imperativo condicional. Primeiramente, porque ele estabelece “uma condição [prótase] sobre a qual o cumprimento [apódose] de outros verbos depende” (Wallace, 2009, p. 485-489). Isto é, o tornar-se santo (apódose) depende da espera inteiramente na graça (prótase). Sem a espera na graça a santidade não acontece. Além disso, reside o fato de que a espera na graça, fundamentada no retorno de Jesus Cristo em glória, resulta no abandono das práticas anteriores realizadas na ignorância dessa realidade (v. 14).

Esse encadeamento de ideias não sustenta interpretação perfeccionista, visto que o abandono de atos pecaminosos é resultado da orientação pela esperança na graça, e não meramente de um esforço humano autônomo. Sobre este ponto, Paul Achtemeier e Eldon Epp acentuam (1996, p. 177):

Se essa graça é um evento futuro, ela também tem seus efeitos no presente. O retorno de Cristo, portador da graça, já projeta sua sombra sobre o presente. No entanto, a graça é tão poderosa que até mesmo sua sombra afeta a realidade presente. *O conteúdo da realidade presente dessa graça é o conteúdo dos imperativos desta seção*. Dada a nova realidade na esperança, os cristãos devem agora torná-la presente em suas próprias vidas (tradução nossa, grifo nosso).

Quanto ao verbo *genéthēte hágioi* (“tornai-vos santos”, 1Pe 1:15b), sua forma e uso sugerem um imperativo cuja função vai além de uma ordem executável de modo imediato. Embora apresente formalmente a estrutura de um comando, sua nuance indica um chamado que não pode ser plenamente realizado no instante do pronunciamento, mas que se desenvolve ao longo do processo descrito no próprio contexto (Wallace, 2009, p. 492). Essa nuance distingue *genéthēte hágioi* de imperativos como aquele encontrado em

⁹ Os 8 modos dos verbos gregos no imperativo são: imperativo de ordem; proibitivo; de solicitação; permissivo; condicional; potencial; de pronunciamento e imperativo de saudação convencional (Wallace, 2009, p. 485-496).



1 Pedro 5:2: *poimánate tò en hymin poímnion tou Theou* (“pastoreai o rebanho de Deus que está entre vós”) — cuja execução depende diretamente da ação consciente e imediata do sujeito. Em contraste, o imperativo de 1 Pedro 1:15 está integrado a uma cadeia de elementos antecedentes, expressos por participípios e exortações que orientam a disposição do sujeito ao longo do tempo.

Esses elementos incluem os participípios *anazósámenoi tàs ospkýas* (“cingindo os lombos do entendimento”) e *néphontes* (“sendo sóbrios”), que indicam vigilância e autocontrole, bem como o chamado a esperar na graça, a abandonar as paixões associadas à antiga forma de vida e a responder ao chamado divino. Nesse sentido, a santidade não é apresentada como resultado de um ato isolado, mas como um processo que se desenvolve à medida que o crente se orienta, de forma consciente e responsável, pela esperança da graça e pela nova identidade recebida.

Esse entendimento é reforçado pelo fato de *genéthēte* ocorrer na voz passiva. Conforme a classificação de Wallace (2009, p. 431-440), trata-se aqui de uma passiva permissiva ou causativa, na qual o sujeito consente com a ação expressa pelo verbo, sem ser o agente último de sua realização. Assim, enquanto o destinatário orienta sua conduta pela esperança escatológica, com vigilância e autocontrole, e se afasta das práticas da vida anterior, ocorre conformação progressiva ao padrão divino apresentado no texto, sem nenhuma sugestão de domínio humano pleno sobre o processo. Além disso, o chamado à santidade é explicitamente qualificado pela expressão *en pásēi anastrophēi* (“em todo o comportamento”). O termo *anastrophé* descreve o modo de vida concreto e observável, e sua associação com *hágios* delimita o sentido da santidade proposta por Pedro. As variações nas traduções refletem tentativas distintas de expressar essa relação: enquanto a Almeida Corrigida Fiel (ACF) verte a expressão como “em toda maneira de viver”, a ARA prefere “em todo o vosso procedimento”, e a tradução da Sociedade Bíblica de Portugal (SBP) opta por “em tudo o que fazem”. Apesar das diferenças formais, o termo aponta consistentemente para a esfera prática da existência.

Essa ênfase no comportamento não é isolada em 1 Pedro 1:15, mas recorrente ao longo da epístola, o que sugere que a santidade, para Pedro, deve ser compreendida primariamente como uma orientação ética da vida. A citação de Levítico — *hágioi ésesthe, hóti egó hágios* (“sereis santos, porque eu sou santo”) — reforça esse ponto ao inserir a exortação petrina no horizonte veterotestamentário. Conforme observa Beale (2012, p. 697-715), a compreensão adequada do uso do Antigo Testamento no Novo requer atenção



ao contexto mais amplo do texto citado. No entanto, antes de avançar para a análise intertextual, é necessário delimitar o sentido que Pedro atribui ao termo *hágios* em suas próprias cartas e no uso neotestamentário mais amplo.

SIGNIFICADO DA PALAVRA *HAGIOS*

O termo *hagios* é uma palavra polissêmica, com uma ampla gama de significados, e com mais de 700 ocorrências na Septuaginta. Ele aparece quatro vezes no parágrafo analisado, o que sugere que o vocábulo assume função enfatizada no parágrafo. Uma vez que desempenha uma função primordial em 1 Pedro 1:13-16, a compreensão da passagem depende, em grande medida, do esclarecimento do sentido atribuído ao termo.

O significado de *hagios* pode variar entre cinco domínios semânticos principais, a saber: sentido cultural (dedicado a Deus), moral, reverência, pureza e dedicação. Como conceito cultural, *hagios* aparece no Novo Testamento com os seguintes significados: coisas reservadas ou tornadas adequadas para fins rituais; consagração; aplicado a humanos, refere-se a profetas, apóstolos, cristãos e presbíteros; aplicado a seres celestiais, refere-se a anjos, a Cristo, a Deus e ao Espírito Santo (Bauer *et al.*, 2000, p. 524).

Quando *hagios* é utilizado dentro do campo semântico da moralidade, pode ser traduzido como: (a) comportamento dos cristãos consagrados pelo batismo; (b) procedimento da comunidade ou igreja cristã; (c) conduta dos cristãos gentios. No domínio da reverência, *hagios* assume os seguintes sentidos: (a) respeito pelo nome do Senhor; (b) manter-se santo em honra àquilo que Ele é.

Além disso, *hagios* também aparece com o sentido de dedicação, incluindo: (a) dedicação ao serviço; (b) lealdade à divindade; (c) consagração ao serviço. Finalmente, como expressão de pureza, *hagios* é empregado para indicar a eliminação de tudo aquilo que é incompatível com a santidade, como: (a) carnes de sacrifícios; (b) pureza ritual do santuário, embora esse último conceito não surja nas cartas petrinas (Louw; Nida, 1996, p. 926). Como se pode observar, há vários campos possíveis para a tradução do termo, sendo o da pureza e lealdade apenas um entre outros, e não necessariamente o mais adequado em todos os contextos.

O sentido principal de *hagios* para os propósitos desta pesquisa deve emergir das próprias cartas petrinas. Nelas, o termo ocorre quinze vezes (1Pe 1:12, 15a, 15b, 16a, 16b, 22; 2:5, 9; 3:2; 3:5; 2Pe 1:18, 21; 2:21; 3:2, 11). Na busca por padrões no uso de *hagios* por Pedro nas duas epístolas, é possível agrupar as ocorrências em três categorias: (a) *hagios*



no sentido de moralidade (1Pe 1:12, 15a, 15b, 16a, 16b; 2:5, 9; 3:2; 3:5; 2Pe 1:18, 21a, 21b; 3:2, 11); (b) *hagios* como pureza requerida do cristão (1Pe 1:22; 2:5); (c) *hagios* no sentido de dedicação ao serviço e lealdade à divindade (1Pe 1:2) (Louw; Nida, 1996, p. 119). Por fim, o termo ocorre com relativa frequência no Novo Testamento e apresenta uma variedade de significados, tais como: puro, santo, moral, cerimonialmente santo, separado por ou para Deus, comida sagrada, perfeito, consagrado, sincero, reto e purificado (Gingrich, 1993, p. 9).¹⁰

O sentido que *hagios* assume no parágrafo em análise parece situar-se predominantemente no campo semântico da moralidade. Pedro não utiliza o termo em sentido cultural, o que é sugerido pelo emprego de *hagios* como complemento do verbo “tornar-se” (*genēthēte*). Tampouco o utiliza como título cristológico, como ocorre nos escritos joaninos (Ap 15:4). Em vez disso, seu uso se aproxima daquele observado em Paulo, como em 1 Timóteo 2:10, onde a santidade é associada à conduta irrepreensível.

Essa interpretação é corroborada pela citação veterotestamentária direta: “Santos sereis, porque eu sou santo” (*hagioi esesthe, hoti egō hagios*).¹¹ Alguns estudiosos defendem que essa citação, conforme encontrada em Levítico 19:2 na Septuaginta (*hagioi esesthe, hoti egō hagios*), indica que o autor tinha em mente o chamado Código de Santidade (Rueda Neto, 2024, p. 72), que inclui leis dietéticas (Lv 11), prescrições sanitárias (Lv 12–15) e normas morais, sexuais e culturais (Lv 19–20). Essas leis, espelhadas no Decálogo, foram dadas por Deus não apenas aos sacerdotes, mas a toda a nação de Israel (Rodríguez, 2020, p. 270). Assim, a citação de Levítico 19:2, que fornece o pano de fundo para o imperativo petrino, enfatiza uma base relacional e comunitária, na

¹⁰ A palavra *hagios* aparece 230 vezes (entre outros, Mt 25:31; Jo 7:39; At 6:3; 8:18; Rm 15:19; 1Co 2:1; 1Ts 5:27; Ap 4:11) (Balz; Schneider, 1993, p. 1:16-17). Ela está distribuída em quase todos os escritos do Novo Testamento (exceto Gálatas, Tiago, 2–3 João), com especial significado para Lucas (20 ocorrências em Lucas, 53 em Atos), Romanos (20 ocorrências) e Hebreus (18 ocorrências). Na forma *hagiazō* ocorre 28 vezes; 10 vezes na forma *hagiasmos* (nessa forma não ocorre nos Evangelhos ou em Atos); *hagiotēs* somente em Hb 12:10 e 2Co 1:12; e *hagiosyne* somente em Rm 1:4; 2Co 7:1; 1Ts 3:13. Em contraste com a literatura helenística extrabíblica, Balz e Schneider (1993, p. 1:16-17) afirma que *hagios* é encontrado com bastante frequência na Septuaginta, mais de 700 vezes, preponderantemente como tradução dos termos hebraicos *qadosh* ou *qodesh*. Quanto à etimologia da palavra, é possível observar que a santidade decorre do chamado da graça em Cristo (Rm 1:6; 1Co 1:24; Fp 1:1), e não de uma condição natural. O povo santo possui uma herança divina (Ef 1:18; Cl 1:12; cf. Dt). Como resultado, o culto entra em diálogo direto com o ético, e a pureza é enfatizada (cf. Mt 5:8). O serviço mútuo do amor dá expressão concreta a essa realidade (Gl 5:13; Rm 15:25; 16:2) (Kittel, 2013, p. 16).

¹¹ Provavelmente, há uma influência da LXX sobre a gramática da passagem. O futuro indicativo *esesthe* é empregado com valor imperativo, uso frequente na LXX (Lv 11:44; 19:2; 20:7, 26). É possível que escribas posteriores, “influenciados pelo uso grego mais comum e pelo *genēthēte* precedente do v. 15, tenham introduzido as formas imperativas *genēsthe* (K, P e outros) e *ginesthe*, presentes na maioria dos manuscritos posteriores” (Michaels, 2002, p. 51).



qual a santidade divina funciona como referência normativa para a vida do povo, e não como descrição de uma condição moral absoluta.

Em Levítico 19:2 a santidade funciona como marca de separação cultural de Israel. Em 1 Pedro 1:15-16, porém, a mesma fórmula é deslocada para o campo ético-escolástico. A santidade deixa de operar primariamente como distinção ritual e passa a definir um modo de existência moldado pela esperança na revelação de Cristo (1Pe 1:13). O texto não apenas repete Levítico, mas o recontextualiza para uma comunidade sem território, templo ou sistema sacrificial, sugerindo uma releitura identitária em contexto cristológico e diaspórico.

Na Septuaginta, *hagios* corresponde a ocorrências do hebraico *qodesh* (santidade), *qadosh* (santo) e *miqdash* (santuário). Nesse contexto, há a sugestão de que a raiz *qdsh* deriva de uma raiz biconsonantal *qd*, com o sentido básico de “cortar” ou “separar”. Embora *hagios* e essa raiz hebraica não sejam sinônimos perfeitos, funcionam como correspondentes naturais no Antigo Testamento. Assim, a questão que se impõe é: qual seria o melhor correspondente semântico para *hagios* em 1 Pedro 1:15? Considerando que o significado básico da raiz *qd* envolve a ideia de “cortar” ou “separar” algo para uma finalidade especificamente sagrada, isto é, dedicar para um propósito particular (Schökel, 2022, p. 572), a noção de separação e dedicação deve encontrar respaldo no próprio texto.

Diversos textos confirmam essa hipótese: (a) “santo” como separado das práticas gentílicas anteriores e dedicado à prática da verdade (1Pe 1:22); (b) “santo” como separado da adoração idólatra dos gentios e dedicado plenamente ao “sacerdócio santo”, mediante a oferta de “sacrifícios espirituais a Deus” (1Pe 2:5); (c) “santo” como separado das práticas anteriores da sexualidade e dedicado à convivência santa no matrimônio (1Pe 3:2); (d) “santo” como separado da desobediência e dedicado à proclamação das “virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2:9); (e) “santo” como separado de uma vida centrada em adornos exteriores e dedicado a Deus e ao marido (1Pe 3:5); (f) “santo” como separado do comportamento anterior e dedicado a um “procedimento piedoso” (2Pe 3:11); e, finalmente, “santo” como separado da vontade anterior à graça e reorientado para uma nova conduta segundo aquele que chamou (1Pe 1:15). Como bem observa Papaioannou (2025, p. 555): “Santo é aquilo que é separado para um propósito especial. Santidade, portanto, envolve tanto a separação das realidades da vida pregressa de pecado quanto o apego às coisas de Deus”.



Em suma, o termo “santo” (*hagios*) em 1 Pedro 1:15 parece referir-se ao afastamento da conduta anterior, marcada por paixões moldadas pela vontade prévia à graça, e à adoção de uma santidade expressa no modo de agir, na conduta e no comportamento diante dos outros em todas as esferas da vida.

OS LIMITES SOTERIOLOGICOS DO PERFECCIONISMO EM 1 PEDRO 1:15

Como foi mencionado no início deste artigo, o imperativo petrino de 1 Pedro 1:15 tem sido frequentemente interpretado como um ensino perfeccionista de impecabilidade, segundo a qual o ser humano seria capaz de resistir plenamente ao pecado e vencê-lo completamente, chegando a um estado de impecabilidade moral, pelo esforço da vontade (Medeiros; Kieffer; Jesus, 2024, p. 6, 16; Adams, 2008, p. 48-60). Contudo, as leituras perfeccionistas compartilham dificuldades significativas do ponto de vista soteriológico: se o indivíduo pode, por seus próprios esforços, alcançar um estado de impecabilidade moral, a graça perde seu caráter fundante, de modo que “segue-se que Cristo morreu em vão” (Gl 2:21).

À luz da análise exegética desenvolvida nesta pesquisa, no entanto, torna-se possível propor uma compreensão alternativa ao imperativo de 1 Pedro 1:15, distinta das posições acima elencadas. O texto não apresenta a santidade como condição meritória de salvação, nem oferece respaldo às formulações perfeccionistas relacionadas à impecabilidade ou construções escatológicas de impecabilidade coletiva. Antes, o imperativo petrino descreve o modo de vida visível do cristão, sua conduta pública e ética, em contraste com a existência pregressa moldada pelas vontades anteriores à graça. Trata-se, portanto, de um chamado ao rompimento com o passado e à dedicação a um novo padrão de vida daquele que participa da nova identidade descrita na epístola.

A santidade em 1 Pedro não descreve um estado moral sem pecado, mas uma identidade escatológica que orienta a conduta presente. O imperativo ético deriva da nova condição do povo de Deus e não funciona como requisito para alcançá-la. Assim, a parênese petrina desloca o mandamento cultural para uma categoria ética-existencial: viver agora segundo a realidade futura revelada em Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da análise exegética de 1 Pedro 1:13-16, conclui-se que o imperativo *genēthēte hagioi* (“tornai-vos santos”) não indica exigência ontológica de impecabilidade,



nem é fundamento para leituras perfeccionistas ou autossoteriológicas. Inserido em um arcabouço parenético, o chamado à santidade é precedido por exortações à sobriedade, vigilância e esperança escatológica (*elpisate*), bem como pela oposição explícita entre os “desejos anteriores na ignorância” e a nova identidade cristã. Tal enquadramento desloca o foco da santidade de um estado moral absoluto para um modo de vida visível e coerente com a graça recebida.

Nesse contexto, a citação de Levítico 19:2 opera como referência normativa e relacional, orientando a conformidade ética do povo de Deus ao seu caráter, e não como demanda por pureza cultural ou perfeição moral plena. Assim, 1 Pedro 1:15 descreve a santidade como expressão prática do novo nascimento, manifestada na totalidade da conduta (*anastrophē*) cristã, em contraste com a vida pregressa. O imperativo petrino, portanto, mantém a primazia da iniciativa divina na lógica soteriológica do texto ao apresentar a santidade como resposta ética à ação redentora de Deus, não favorecendo leituras que atribuam primazia ao esforço humano ou sugiram impecabilidade.

REFERÊNCIAS

ACHTEMEIER, P. J.; EPP, E. J. **1 Peter**: a commentary on First Peter. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

ADAMS, R. O que Deus requer? Uma análise crítica da teologia da última geração. **Parousia**, v. 7, n. 2, p. 43-62, 2008.

ANDREASEN, M. L. **O ritual do Santuário**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1943.

BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. **Greek English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. 3 ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BEALE, G. K. The use of Hosea 11.1 in Matthew 2.15. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 55, n. 4, p. 697-715, 2012.

BRANNAN, R.; JACKSON, J. G. (orgs). **New Testament use of the Old Testament**. Bellingham, WA: Faithlife, 2015.

CRESWELL, J. W.; POTH, C. N. **Inquérito qualitativo e design de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 4. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2018.



CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. **The Oxford Dictionary of the Christian Church**. 3 ed. New York: Oxford University Press, 2005.

DARIUS, F. A. **De corpo, alma e espírito**: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen G. White. Curitiba: CRV, 2021.

EGAN, P. T. **Ecclesiology and the Scriptural Narrative of 1Peter**. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2016. E-book Kindle.

FINNEY, C. G. **Lectures on systematic theology**. Minneapolis: Bethany House, 1968.

GINGRICH, F. W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GLENNY, W. E. **The hermeneutics of the use of the Old Testament in 1Peter**. 1987. Tese (Doctor of Theology) — Dallas Theological Seminary, Dallas, 1987.

JOBES, K. H. **1 Peter**: Baker exegetical commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2022.

KITTEL, G. (org.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LANGFORD, J. **Defending hope: semiotics and intertextuality in 1Peter**. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2013.

LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Greek-English lexicon of the New Testament**. 2. ed. New York: United Bible Societies, 1996.

MALHEIROS, I. A hermenêutica da “teologia da última geração. **Kerygma**, v. 11, n. 2, p. 137-164, 2017.

MBUVI, A. M. **Temple, exile and identity in 1Peter**. London: T&T Clark, 2007.

MCCARTNEY, D. G. **The use of the Old Testament in the First Epistle of Peter**. 1989. Tese (Doctor of Philosophy) — Westminster Theological Seminary, Glenside, 1989.

MCGEE, J. Vernon; NEVES, I. **Comentário bíblico de Lucas**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

MEDEIROS, P. H. C.; KIEFFER, T. M.; JESUS, A. L. A perfeição cristã em três tempos: Macário, John Wesley e Charles Finney. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 4, P. 1-22, 2024.

MICHAELS, J. R. **Word biblical commentary: 1 Peter**. Dallas: Word Incorporated, 2002. (Word Biblical Commentary).

MILLI, A.; FOLLIS, R. (org.). **Perfeccionismo**: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia.



Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2021.

MURPHY, M. C. **Divine holiness and divine action**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

NYGAARD, M. **The Lexham Bible dictionary**. Bellingham: Lexham Press, 2016.

OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAPAIOANNOU, K. 1 Pedro. *In*: RODRÍGUEZ, A. M. (ed.) **Comentário Bíblico Andrews: Romanos a Apocalipse**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2025. v. 4.

RIENECKER, F.; ROGERS JR., C. **Chave linguística do Novo Testamento grego**: com uma versão interlinear e tradução de Gordon D. Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.

ROBERTSON, G. R. **The use of Old Testament quotations and allusions in the First Epistle of Peter**. 1990. Dissertação (Mestrado de Artes em Religião) — Anderson University, Anderson, 1990.

RODRÍGUEZ, A. M. Biblical interpretation. *In*: RODRÍGUEZ, A. M.; BEDIAKO, D. K.; COSSART, C. P.; KLINGBEIL, G. A. (ed.). **Andrews Bible commentary: Old Testament**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2020.

RUEDA NETO, E. **O uso do Antigo Testamento em 1 Pedro e suas implicações teológicas**. 2024. Tese (Doutorado em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

SANTOS, V. S. O perfeccionismo como um obstáculo à santidade cristã. **Fides Reformata**, v. xiii, n. 1, p. 109-128, 2008.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 2022.

WALLACE, D. B. **Gramática Grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.

WESLEY, J. **Explicação clara da perfeição cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.